

SALDO AGROPECUÁRIO BRASILEIRO DE 1989 A 2022: MUDANÇA DE PERFIL E CENÁRIO GLOBAL

Rogério Edivaldo Freitas

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea). *E-mail:* rogerio.freitas@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td3014-port>

Este trabalho teve por objetivo analisar a contribuição da agropecuária para os resultados comerciais brasileiros entre 1989 e 2022 e identificar os produtos de maior participação em tais resultados. Buscou também mapear a eventual mudança de perfil nesse quesito e discutir cenários para o futuro dos fluxos comerciais agropecuários do país.

Embora o conjunto de bens agropecuários tenha sido superavitário em todos os anos avaliados, de 2008 em diante o saldo não agropecuário foi, em particular, sempre negativo, de modo que os saldos comerciais positivos observados desde então somente foram possíveis devido aos superávits comerciais agropecuários.

Nesses resultados, há um rol expressivo de grupos de produtos que deve ser destacado – vale dizer: carnes e miudezas, outros itens de origem animal, café e mates, sementes e oleaginosos, preparações de carnes e peixes, açúcares e confeitaria, preparações de hortícolas, preparações alimentícias, resíduos de indústrias alimentares, tabaco e manufaturados e matérias albuminoides e colas. São subgrupos de itens que tiveram saldo comercial positivo em todos os anos avaliados.

Em termos de crescimento participativo ao longo da série, há dois grupos de bens com expressivo crescimento participativo no superávit agropecuário do país ao longo dos subperíodos considerados – vale dizer: as carnes e miudezas

e as sementes e oleaginosas. Os açúcares e confeitarias também apresentaram crescimento participativo no superávit agropecuário entre os subperíodos calculados, mas em menor monta.

Pensando-se na capacidade exportadora, os produtos mais dinâmicos do agronegócio brasileiro no correr da presente década deverão ser algodão; soja; milho; carnes suína, bovina e de frango; e frutas (em especial a manga).

Já da ótica de potenciais importações brasileiras de alimentos, algumas lavouras, como mandioca, café, arroz, laranja e feijão, devem perder área no Brasil entre 2020/2021 e 2030/2031. Contudo, projeta-se que tal redução de área será compensada por ganhos de produtividade, ao menos em parte. Portanto, não deve haver aumento substancial das importações brasileiras nesses itens, mesmo porque os mercados mundiais de mandioca e de feijão, por exemplo, são comparativamente pequenos.

Para os interesses do Brasil os principais mercados estarão no Sudeste Asiático, com dominância da China (soja em grão, cevada, milho, algodão, carne bovina, carne suína e carne de frango); no México (milho, carnes suína e de frango); na União Europeia (soja em grão, farelo de soja, carne bovina e carne de frango); na Índia (óleo de soja); no Oriente Médio (cereais, carne bovina e carne de frango); no norte da África (cereais e óleo de soja); nos Estados Unidos (carne bovina); na Turquia (algodão); na África

SUMEX

subsaariana (cereais e carne de frango); na América do Sul (óleo de soja); e na América Central (carne de frango). Nesse conjunto, para os mercados asiáticos, além do papel enfático do mercado chinês, devem ser destacadas as projeções de importações de algodão (Bangladesh, Vietnã e Paquistão), carne suína (Japão, Coreia do Sul e Hong Kong) e carne de frango (Japão e Filipinas).

Doutra parte, os principais competidores da oferta brasileira serão para soja (Argentina e Estados Unidos), milho (Argentina, Estados Unidos e Ucrânia), algodão (Estados Unidos, Índia e África Ocidental), trigo (Rússia, União Europeia, Canadá, Ucrânia, Estados Unidos, Austrália e Argentina), carne bovina (Austrália, Estados

Unidos, Índia, Argentina e Nova Zelândia), carne suína (União Europeia, Estados Unidos e Canadá) e carne de frango (Estados Unidos, União Europeia e Tailândia).

Por fim, três fatores exigirão contínuo monitoramento por conta de impactos que seu recrudescimento pode gerar na produção global de alimentos – vale dizer, o estabelecimento e/ou o aprofundamento de acordos bilaterais de comércio e investimento, a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia e seus desdobramentos nos mercados mundiais de cereais e de fertilizantes, bem como a eventual maior incidência de pragas e doenças num ambiente de instabilidade climática crescente.